

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

A CARTILHA INFORMATIVA SOBRE AS POLÍTICAS DE COTAS NA UEPG PUBLICADA EM 2016: UM OLHAR POR MEIO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

THE INFORMATIVE MANUAL ABOUT THE QUOTAS POLICIES AT THE UEPG PUBLISHED IN 2016: A LOOK BY MEANS OF THE CRITICAL ANALYSIS DISCOURSE

Daiane Franciele Moraes de Quadros¹
Ione da Silva Jovino²

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é apresentar um dos resultados da pesquisa de Mestrado, cujo objeto de estudo é a Resolução UNIV N°17 de 09 de dezembro de 2013, que regulariza o atual sistema de políticas de cotas na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Portanto, através deste artigo, será abordada a cartilha informativa sobre cotas publicada pela UEPG no ano de 2016, pela perspectiva teórica-metodológica e proposta de análise da Análise Crítica do Discurso, pois este material é um desdobramento da vigente resolução. Como resultados obtidos, constatamos que estrategicamente, as narrativas visuais manifestadas no material analisado reproduzem discursos orientados por ideologias propagados através de estratégias linguísticas e discursivas, que foram impregnados na esfera comunicativa que compõe tanto o texto escrito como a semiose.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Crítica do Discurso; Políticas de cotas na UEPG; Cartilha informativa.

ABSTRACT: The main aim of this paper is to show the results of a Master's degree research analyzing the Resolution UNIV no 17 09th, December 2013, which regularizes the current racial quotas at the State University of Ponta Grossa (UEPG). Thus, it will be outlined what is specified about quotas in its Informative Manual published by UEPG in 2016, the methodology applied was theoretical analyses of the Critical Analysis Discourse in that Manual, a document based on the current resolution. Through such analysis, we could notice the fact that strategically, the visual narratives manifested in the didactic material analyzed reproduce discourses directed by propagate ideologies through linguistics and discursive strategies impregnated in the communicative sphere that compounds not only the written text but also the semiosis.

KEYWORDS: Critical Analysis Discourse; Quotas policies at the UEPG; Manual informative.

Introdução

O foco principal deste artigo consiste em apresentar um dos resultados da pesquisa intitulada: “Discurso e Poder: um olhar acerca das ações afirmativas na UEPG em 2013”, que foi iniciada no ano de 2015, no programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Ponta Grossa localizada na

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Atualmente é aluna do curso de Especialização em História, Arte e Cultura (UEPG). Graduada em Licenciatura em Letras Português Espanhol (UEPG). E-mail: daiane.framciele@gmail.com.

² Orientadora desta pesquisa, professora efetiva do Departamento de Estudos da Linguagem da UEPG, (Campus de Ponta Grossa- PR). Atualmente faz estágio de Pós-doutorado em Educação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) onde também concluiu o Mestrado e o Doutorado, ambos na área da Educação. Graduada em Licenciatura em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). E-mail: ionejovino@gmail.com.

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

cidade de Ponta Grossa, estado do Paraná, cujo objetivo principal consiste em analisar os discursos e encaminhamentos que resultaram na Resolução UNIV N°17 de 09 de dezembro de 2013, que implementou o vigente sistema de reserva de vagas na UEPG, para assim compreender os embates e as contradições, que culminaram nas alterações aplicadas na política de cotas implementada pela universidade.

Este trabalho de mestrado foi parcialmente apresentado e publicado em eventos como: IV Pensando Áfricas e suas diásporas; Seminário: Discursos, Linguagens e Relações Raciais; 4° Encontro da Rede Sul Letras; XXIV Semana da Educação II Encontro de Educação Social do Paraná; IV Encontro de Comunicação e Educação de Ponta Grossa (EDUSOPARANA); I Simpósio de Ações Afirmativas da UDESC: Experiências de Alunos/as Afrodescendentes e Indígenas na Graduação e III Copene Sul Negras e Negros no Sul do Brasil Desenvolvimento, Patrimônio e Cultura Afro-brasileira.

Nesta pesquisa foi utilizada a metodologia qualitativa e outras abordagens metodológicas, como: estudo de caso, metodologia documental e Análise Crítica do Discurso (ACD), que também foi aplicada como ferramenta de análise nos registros da reunião do “Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e do Universitário”³ que ocorreu no final do ano de 2013, tais documentos como: atas, gravações das reuniões, reportagens, panfletos, vídeos, fotografias e a cartilha informativa. A Resolução, UNIV. N° 17/2013 foi precedida de um intenso debate, que antes culminara na retirada das cotas raciais. Após manifestações públicas, o processo volta à pauta e depois de uma nova votação, a referida resolução manteve as cotas para estudantes negros oriundos de escolas públicas.

Diante da exposição desse contexto, o qual foi apresentado com o intuito de situar a problemática abordada pela presente pesquisa, pretende-se apresentar neste artigo, como um dos resultados deste trabalho de mestrado, as análises que realizamos nas duas versões da cartilha informativa sobre cotas raciais elaborada pela UEPG no ano de 2015 e publicada em 2016. Este material é um dos desdobramentos da vigente resolução, sobre as políticas cotas na UEPG, que após ser divulgado por meio da

³ Este conselho foi assim denominado pela UEPG no documento oficial da ata, pois era uma reunião entre o CEPE e Conselho universitário da instituição.

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

internet e por meio impresso, também foi alvo de críticas e disputas internas, tais fatos ocasionaram a retirada da cartilha do site da instituição e o seu eventual cancelamento de distribuição nas escolas da rede pública de ensino da região de Ponta Grossa.

O presente artigo segue a seguinte ordem: na sequência apresentaremos algumas reflexões teóricas sobre a Análise Crítica do Discurso. Em seguida, será exposta a metodologia utilizada para o desenvolvimento da parte da pesquisa de mestrado, que está sendo apresentada por meio deste artigo, a qual foi de base qualitativa e também envolveu análise documental, revisão bibliográfica, com ênfase na ACD. Para desenvolvermos os procedimentos metodológicos aplicados no tópico das análises, consideramos alguns aspectos que a ACD prioriza como metodologia e proposta de análise, tais como: a análise estilística, análise da conversação, análise das imagens, dos próprios gêneros textuais escritos, aspectos gramaticais na análise linguística (como a semântica, o léxico e a sintaxe) presentes nos enunciados das duas versões dos textos analisados.

Em nossas considerações finais, concluímos que ambas as versões da cartilha, estrategicamente, compõem narrativas visuais que reproduzem discursos orientados por ideologias, que são propagados por intermédio das informações presentes nos conteúdos das versões dos textos analisados. A partir disso, identificamos que muitos discursos impregnados nesses textos foram articulados por meio de uma série de recursos e estratégias visuais, linguísticas e discursivas, que compõem uma série de fatores, os quais atuam diretamente na formação de opiniões e subjetividades acerca das políticas de cotas na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

1. Análise Crítica do Discurso como fundamento teórico-metodológico e proposta de análise

De acordo com Magalhães (2005) e Ottoni (2007), a Análise Crítica do Discurso, “Análise de Discurso Crítica” (ADC), ou como o próprio Fairclough (2008) se refere “Estudos Críticos do Discurso” (ECD) é considerada herdeira da perspectiva teórica intitulada Linguística Crítica (LC) que foi iniciada pelos pesquisadores Roger Fowler e Guther Kress, na Universidade de *East Anglia*, na Grã-Bretanha no ano de 1979. Segundo Magalhães (2005), o teórico linguista britânico Norman Fairclough da

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Universidade de *Lancaster* foi um dos pioneiros a utilizar a terminologia Análise de Discurso Crítica dentro de um artigo no *Journal of Pragmatics*.

Fairclough (2005), Magalhães (2005) relatam que na origem de tais vertentes teóricas, tanto a LC como a ACD foram extremamente influenciadas por pesquisas originárias principalmente da Teoria Crítica, que é uma vertente do eixo teórico da Teoria Social. Tais perspectivas teóricas são fortemente ligadas aos trabalhos dos filósofos Michel Foucault e Antonio Gramsci, membros da Escola de *Frankfurt*. A Linguística Crítica contribuiu bastante para uma eventual compreensão da linguagem e “sua relação com o social e com noções de ideologia e poder. Com o desenvolvimento desta perspectiva teórica chegou-se à proposição da Análise Crítica do Discurso” (OTTONI, 2007, p. 19).

Porque, assim como Magalhães (2005), Ottoni (2007) e Resende e Ramalho (2009) dialogam, a ACD também forma parte do campo da Ciência Social Crítica, pois nesta área são desenvolvidas pesquisas críticas sobre mudança social na sociedade moderna, e o termo discurso, para a perspectiva teórica, apresentaria uma ambiguidade, de tal maneira que a terminologia discurso se remeteria a “um substantivo contável, em relação a “discursos particulares”- como por exemplo, o discurso religioso, o discurso midiático, o discurso neoliberal” (RESENDE e RAMALHO, 2009, p. 28). Dialogando com as autoras, Van Dijk (2010) define a ACD como:

um tipo de investigação analítica e discursiva que estuda principalmente como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político (VAN DIJK, 2010, p. 113)

Ou seja, pode-se compreender de acordo com a definição do autor, que a ACD seria uma vertente da Teoria Social do Discurso, porque ela envolve a Análise do Discurso, com ênfase em uma percepção da linguagem como fato social. Seguindo essa linha de raciocínio, Pereira (2011) e Sales (2012) argumentam, que entender o uso da linguagem como prática social seria o mesmo que situar historicamente a linguagem como modo de ação, pois isto equivale a compreendê-lo “como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente, mas também que é constitutivo de identidades e relações sociais bem como sistema de crenças” (SALES, 2012, p. 31).

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Magalhães (2005) também acrescenta que a Análise do Discurso é bastante forte no Brasil desde o início da década de 1980, a partir da publicação da primeira edição do primeiro livro de Eni Orlandi intitulado: **A linguagem e seu funcionamento** (grifo meu), no ano de 1983. Segundo a autora, desde aquela época, tal tradição se consolidou pelo país como Análise de Discurso. Van Dijk (2010) e Pereira (2011) apresentam a Análise Crítica do Discurso como sendo uma vertente da Análise do Discurso, para os autores, ACD também se tornou um eixo metodológico, cujo objeto de estudo seria: texto, discurso e contexto social. A Análise do Discurso “compartilha a preocupação de todas as aproximações qualitativas com o significado da vida social, mas tenta fornecer um questionamento mais profundo sobre o estudo de sentido” (PEREIRA, 2011, p. 90).

Ou seja, o autor elenca que a contribuição mais importante do eixo teórico da ACD para a sociedade contemporânea seria o “fato dela examinar o modo pelo qual a linguagem constrói os fenômenos, e não apenas como ela os reflete ou os revela” (PEREIRA, 2011, p. 90). Pois Fairclough (2008), um dos pioneiros da ACD, atribuíra aos termos discurso e linguagem a função de práticas sociais. De tal forma, que o discurso exerce o papel de representação e de instrumento transformador nas relações de poder. O texto, na visão de Ottoni (2007, p. 30), entraria neste processo como sendo “o canal principal da transmissão da cultura; e é este aspecto- texto como processo semântico da dinâmica social- que mais do que qualquer outra coisa tem moldado o sistema semântico”.

Assim, como também teorizam Fairclough (2008) e Sales (2012), os textos sob a influência das ideologias são também repletos do elemento da interdiscursividade e a grande marca representacional desta manifesta-se nas escolhas lexicais, pois “é por intermédio do vocabulário que se podem divisar os temas ali tratados bem como a perspectiva particular de representação” (SALES, 2012, p. 41). Dialogando com a autora, Pereira (2011) também acrescenta que o papel das ações discursivas no processo de construção e sustentação das relações de poder, seria analisar como sujeitos, atores manipulam os esquemas discursivos que repercutem na luta dialógica, com o intuito de privilegiar algum discurso específico e delimitar a influência de outros tipos de discursos.

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Sendo congruente com Pereira (2011), Sales (2012) argumenta que para ACD, o discurso seria orientado tanto pelo interlocutor, potencial ou real, quanto para todos os enunciados e discursos que o precedem. Portanto, a tendência destes diálogos nos textos é para que haja ostentação de polêmicas, que poderão ser explícitas ou implícitas. Por este motivo, Sales (2012) nos induz a refletir que a linguagem se torna um espaço pela luta hegemônica. A autora ainda salienta, que a ACD nos indica que é “*no e pelo discurso*” (SALES, 2012, p. 34, grifo do autor) que o combate pela hegemonia é travado e que este por sinal, é alinhavado através da noção ideológica.

Por esta razão, compreendemos que segundo a argumentação da autora, os eixos que norteiam o campo da ACD envolvem: a identificação dos sujeitos que se beneficiam dos discursos ideológicos e a forma de como estes sustentam o desequilíbrio da desigualdade nas relações de poder. Ottoni (2007) e Pereira (2011) argumentam, que o discurso seria um modo de ação pelo qual as pessoas podem agir sobre o mundo, e principalmente, de alguma maneira repercutir na vida de outras pessoas, porque, “a dialética entre discurso e sociedade: o discurso é moldado pela estrutura social. Não há, portanto, uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética” (PEREIRA, 2011, p. 91). Contudo, é possível concluir que a relação entre discurso e estrutura social é um fenômeno intrínseco, pois, ao mesmo tempo em que estes elementos se constroem, ambos são moldados um pelo outro.

O autor ainda complementa, que o “discurso centraliza-se na linguagem, nos conteúdos, na lógica dos discursos e na sua relação com os poderes que se escondem atrás desses discursos” (PEREIRA, 2011, p. 93), de tal forma que conforme a argumentação do autor, as relações discursivas apresentam a capacidade de criar padrões, estabelecer regras e comportamentos, códigos de conduta comuns a grupos e classes sociais dentro da sociedade como um todo. Em concordância com Pereira (2011), Sales (2012) e Fairclough (2008) enfatizam que o que o difere a abordagem teórica da ACD das demais vertentes do eixo epistemológico da Análise do Discurso, seria a prioridade atribuída pelo pesquisador, que segue o eixo da ACD, à dimensão crítica relacionada “com uma preocupação explícita com o exercício do poder nas relações sociais, o que inclui as relações de gênero e classe social” (MAGALHÃES, 2005, p. 6).

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Por conseguinte, a presente pesquisa se enquadra na perspectiva teórica da ACD discutida por Fairclough (2005 e 2008) e Pagano e Magalhães (2005, p. 27), na qual “o texto se apropria seletivamente dos sistemas linguísticos”. Conforme os autores, a análise da linguística sistêmica torna-se crucial em favor da linguagem, como um sistema que envolve escolhas ou seleções de alternativas que constituem potencial de significação assim, repercutindo em inclusão e exclusão de elementos linguísticos e discursivos. Porque, segundo Pagano e Magalhães (2005, p. 28), “a análise textual é puramente descritiva”, ao mesmo tempo em que a mesma possibilita a interpretação destas escolhas que podem ser lexicais, discursivas e etc.

Seguindo esta perspectiva teórica e metodológica, o presente trabalho também se adequa à Análise do Discurso Crítica com ênfase nas relações raciais abordada por Van Dijk (2008), pois, assim como enfatiza Magalhães (2005), Van Dijk (2001, 2008 e 2010), a ACD vem atuado veementemente como agente que organiza as discussões teóricas, que abarcam discurso e racismo na sociedade contemporânea dentro deste universo que compõe a ACD. Uma vez que, como Van Dijk (2001) enfatiza, a noção de racismo na sociedade, inicialmente, pode parecer não estar relacionada à noção de discurso, logo, a semântica do termo discurso pode estar relacionado somente ao sentido de articulação. No entanto, na concepção do autor, esta noção estaria completamente equivocada, uma vez que, os discursos ao serem propagados por meio de textos orais ou escritos, desempenham papel crucial para a propagação do racismo contemporâneo. Esse aspecto procuraremos abordar no tópico que compõe nossas análises.

2. Metodologia

Neste item serão apresentados os procedimentos metodológicos que desenvolveram a parte da pesquisa de mestrado retratada por meio deste artigo. A metodologia é de natureza qualitativa, que envolveu análise documental e revisão bibliográfica, com ênfase na perspectiva teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso. Com o intuito de concretizar a tais metodologias, fora realizado o seguinte procedimento: na semana em que a UEPG publicou a segunda versão da cartilha

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

informativa sobre cotas, mais precisamente no mês abril de 2016, conseguimos um exemplar da primeira e da nova versão do material indicado.

Depois que obtivemos a ambas as versões da cartilha informativa, realizamos uma análise comparativa entre ambos os materiais, por meio da proposta de análise da ACD nos respaldando em Van Dijk (2001, 2008 e 2010), Fairclough (2008 e 2008) e os demais autores citados em nossa fundamentação teórica.

Seguindo a tal perspectiva de análise, no próximo tópico que compõe as análises de dados deste artigo, serão ressaltados alguns aspectos que o eixo da ACD também prioriza como proposta de análise, tais como: análise estilística, análise da conversação, análise das imagens, dos próprios gêneros textuais escritos, aspectos gramaticais na análise linguística (como a semântica, o léxico e a sintaxe) presentes nos enunciados.

3. Análises de dados

No presente tópico deste artigo realizamos um parecer geral sobre o perfil das duas versões da cartilha informativa sobre cotas lançada pela UEPG ano de 2016, utilizando como perspectiva de análise a ACD. Antes de iniciarmos nossas análises, é pertinente salientar que as páginas da primeira versão da cartilha informativa não foram numeradas, diferentemente da segunda versão. Após este breve comentário, daremos início à sequência das análises apresentando a (Figura 01).

FIGURA 01: Capas da primeira e da segunda versão da cartilha informativa sobre cotas elaborada pela UEPG em 2015 e publicada em 2016.



QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Fonte: UEPG (2015 e 2016).

Observando a Figura 01, encontramos diferenças entre a capa da primeira e da segunda versão, pois na capa da primeira versão consta o seguinte subtítulo: “*Orientações sobre a reserva de vagas destinada a candidatos ao Concurso Vestibular da UEPG, estudantes de Instituições Públicas e que se autodeclarem negros*” (UEPG, 2015). Na Figura 01, ao lado esquerdo, é dado destaque para o desenho caricatural da figura de uma mulher branca que fala: “*Vamos entrar pessoal!*” (UEPG, 2015), algo que nos leva a presumir que se trata de uma professora convocando seus alunos para entrarem na sala de aula. Dentro da capa da primeira versão da cartilha informativa, aparece o enunciado, principal tema deste material: “*Nosso assunto hoje são ações afirmativas- COTAS*” (UEPG, 2015).

Ainda, na Figura 01, passaremos para a análise da ilustração da capa da segunda versão da cartilha, que se encontra ao lado direito da capa da primeira versão. Nesta imagem, notamos a presença de quatro jovens estudantes, dentre eles, três são alunos negros que estão em um ambiente de sala de aula de ensino médio, a fim de ilustrar que na UEPG, uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública e gratuita existem ações afirmativas no formato de cotas tanto para estudantes negros como para outros estudantes de escolas públicas.

Observando este aspecto, percebemos que a linguagem visual, diferentemente da primeira versão da cartilha informativa, condiz com o título: “*Ações Afirmativas na UEPG, fique atento (a)!*” (UEPG, 2016), pois nota-se que os organizadores desta nova versão objetivaram criar personagens muito mais parecidos com os próprios sujeitos atendidos pela política de cotas e representam as ações afirmativas. Portanto, este aspecto destacamos como um avanço no requisito identificação e representatividade do público leitor, pois, este aspecto deixou a desejar visivelmente na capa da primeira versão.

Quanto ao gênero textual utilizado por ambas as versões da cartilha informativa, percebemos que intencionalmente foi eleito o gênero textual **Histórias em Quadrinhos** (grifo meu) (HQ), para fins didáticos de esclarecimento das informações sobre as cotas na UEPG. Uma vez que, este material era para ser utilizado por professores e estudantes dos últimos anos da Educação Básica. Isso nos lembra Marcuschi (2008), que discute

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

que os gêneros textuais desempenham papel crucial nas relações de poder. Também devemos considerar, que a própria temática demanda na discussão sobre representatividade imagética dialogada por Cunha (2008), Manguel (2001) e Sardelich (2006), que afirmam que as imagens nos constroem como sujeitos, compõem narrativas e principalmente, visões de mundo. Portanto, como ambas as versões da cartilha informativa são narrativas em HQ, suas primeiras páginas também nos chamam bastante a atenção, (Figura 02).

FIGURA 02: Primeira página da primeira versão da cartilha informativa sobre cotas lançadas pela UEPG em 2015



Fonte: UEPG (2015)

Podemos encontrar na ilustração da Figura 02 a imagem da primeira página da primeira versão da cartilha informativa sobre cotas elaborada pela UEPG no ano de 2015. A figura ilustra a personagem da professora rodeada por seis diferentes tipos de estudantes, que simbolizam a diversidade cultural e racial das escolas públicas brasileiras. No entanto, observa-se que esta representatividade da diversidade cultural e racial ocorreu de forma sarcástica, pois, a ilustração da primeira versão da cartilha informativa foi bastante demarcada pela presença de personagens caricaturados e infantilizados. É também relevante destacar, assim como na Figura 02, os alunos ilustrados e caracterizados com o tom de pele mais clara encontram-se mais próximos à personagem da professora, que por sinal é a personagem que apresenta mais intensamente traços fenotípicos da raça branca dentro da HQ. Este aspecto para o qual

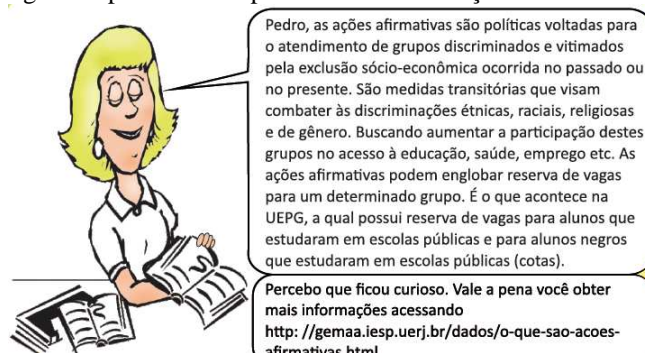
QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

apontamos nos induz a também observar, que a personagem da professora é a única personagem que reproduz todos os discursos acerca das ações afirmativas dentro da narrativa da primeira versão da cartilha informativa.

Agora, analisaremos o trecho da primeira página da segunda versão da cartilha informativa. Na descrição da primeira página, a narrativa inicia-se com a apresentação do que seria a representação de um ambiente escolar. Nesse ambiente, é dado destaque para a placa do colégio fictício, com o objetivo de situar e transmitir credibilidade ao leitor sobre o ambiente onde se desenvolverá a história dos protagonistas da HQ. Na porta da escola há o encontro entre um casal de adolescentes negros, que assim como em uma situação rotineira das escolas de nossa região, começam a dialogar.

O foco principal deste diálogo informal entre as personagens adolescentes Carolina e Igor são as ações afirmativas, pois o rapaz após cumprimentar a sua colega de escola, logo menciona o assunto. É pertinente ressaltar que constatamos que na HQ da nova versão da cartilha informativa, todas as personagens que apresentam suas vozes também possuem uma identidade, ou seja, um nome, como: Carolina, Igor, Cristian, Isa e Mateus. Diferentemente da primeira versão, na qual todas as suas personagens são identificadas pelos seus nomes, com exceção da professora, que durante a narrativa nunca é chamada por um nome e é somente referida como “professora”. Outra característica fundamental para destacar nas duas versões da cartilha informativa, seria a discussão sobre ações afirmativas, assim como identificaremos na (Figura 03).

FIGURA 03: Ilustração do trecho da primeira versão da cartilha informativa sobre cotas da UEPG, em que a personagem da professora explica o conceito de ações afirmativas



Fonte: (UEPG, 2015)

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Conforme observamos, a situação utilizada como contexto de simulação da realidade de uma escola pública representada na narrativa da primeira versão da cartilha é a simulação de uma aula, na qual a figura da professora serve como mediadora das informações sobre o que são as ações afirmativas e as políticas de cotas para os alunos.

Como por exemplo, consta na Figura 03 que a personagem da professora começa a explicar o que são políticas de ações afirmativas com base em alguns livros que ela apresenta em suas mãos. Em nossa concepção, este monólogo da personagem poderia ser um pouco mais sintético: *“as ações afirmativas são políticas voltadas para o atendimento de grupos discriminados e vitimados pela exclusão sócio- econômica ocorrida no passado ou no presente.”* (UEPG, 2015). É pertinente realçar na sentença, que há a definição do que são ações afirmativas. Quando a personagem se refere aos grupos alvo destas políticas, os sujeitos são adjetivados como: *“discriminados”* e *“vitimados”* (UEPG, 2015).

Observamos que esta estratégia discursiva da primeira versão da cartilha serve para justificar a existência das ações afirmativas, quando se é reforçada a carga semântica de *“discriminados”* e *“vitimados”* (UEPG, 2015). Observe que na próxima sentença: *“medidas transitórias que visam combater às discriminações étnicas, raciais, religiosas e de gênero. Buscando aumentar a participação destes grupos no acesso à educação, saúde, emprego etc.”* (UEPG, 2015), há a justificativa da existência das ações afirmativas, ao ser apresentado o raciocínio: *“Buscando aumentar a participação destes grupos no acesso à educação, saúde, emprego etc.”* (UEPG, 2015). Aqui é descrito que essas políticas fornecem assistência a esses grupos minoritários. A partir disso é possível fazer uma comparação com o que Muniz (2009) e Silva e Rosemberg (2008) elencam, de que no contexto da população brasileira, os negros representam a grande maioria, porém no requisito Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), estes são minoria. E para finalizar a definição do termo ações afirmativas, é apresentado como elas são aplicadas no contexto da UEPG, quando a personagem da professora afirma que a instituição: *“possui reserva de vagas para alunos que estudaram em escolas públicas e para alunos negros que estudaram em escolas públicas (cotas)”* (UEPG, 2015).

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Ainda quanto às informações sobre as ações afirmativas. Na segunda versão da cartilha informativa, ao contrário da primeira, constatamos que há uma polifonia de discursos, que envolvem as terminologias cotas e ações afirmativas. Nesta versão é visível que eles buscaram enfatizar a voz dos alunos da escola pública, que dialogam informalmente sobre um assunto importante, sem eles necessariamente estarem inseridos na discussão de uma aula, e mesmo assim apresentam seus multiletramentos e conhecimentos prévios acerca do assunto. Portanto, constatamos que esse aspecto na segunda versão rompe completamente com os estereótipos criados na primeira versão da cartilha, que consiste em representar alunos das escolas públicas caricaturados, infantilizados, ingênuos, que não possuem nenhum tipo de opinião e informação a respeito do tema.

Na continuação da narrativa, a personagem da professora explica de forma clara sobre a atual resolução da UEPG, na qual consta que 50% das vagas são para estudantes oriundos de escolas públicas, destes 50% de vagas, 10% são reservadas para os candidatos que se autodeclararem negros. Também se torna importante mencionar no próximo trecho que brevemente resumiremos neste artigo, que houve esforço por parte dos autores da primeira versão da cartilha para esclarecer como funciona a atual resolução do sistema de cotas da UEPG. Esse exemplo reforça ainda mais as falhas de representatividade imagética na primeira versão da cartilha, que se manifesta no momento em que a personagem discute sobre o sistema de cotas para negros, assim como apresentamos na (Figura 04).

FIGURA 04: Ilustração de um personagem negro na primeira versão da cartilha informativa sobre cotas da UEPG



QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Fonte: (UEPG, 2015)

Observe que a situação representada pela Figura 04, o único menino negro do grupo demonstra interesse pelo assunto, perguntando: “*Como assim?*” (UEPG, 2015). Portanto, é possível observar nesta esfera discursiva, a qual envolve fala e ilustração do aluno negro que esse personagem é completamente estereotipado, infantilizado e dotado de certa ingenuidade, assim como Silva e Rosemberg (2008) constataram durante suas investigações a respeito de estereótipos de meninos negros criados pela mídia. Porque, nesta situação somente o aluno negro e outro aluno que a professora define como “*afrodescendente*” (UEPG, 2015) apresentam interesse sobre o assunto, e os demais alunos não se pronunciam. Observe que principalmente na expressão corporal da figura do menino negro, é possível observar os reflexos desse estereótipo de ingenuidade infantil, pois na ilustração da Figura 04, ele está de mãos unidas, como em um gesto de agradecimento ou de súplica, como se o menino estivesse pedindo ajuda a alguém, porque o personagem não é capaz de entender o conteúdo discutido. Ou seja, esse personagem apresenta características de uma pessoa não letrada. Agora, observe a continuidade desse trecho da narrativa, (Figura 05).

FIGURA 05: Trecho da primeira versão da cartilha informativa sobre cotas da UEPG, onde é discutido sobre questões de identidade negra



Fonte: (UEPG, 2015)

Na continuidade dessa situação, é possível contemplar no discurso da professora, o momento em que ela explica sobre o funcionamento das regras para prestar vestibular por meio do sistema de cotas para negros, exemplificando o caso de Luis, o aluno negro. Portanto, é perceptível neste trecho da HQ, uma sutil predominância de uma

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

ideologia preconceituosa e confusa sobre a identidade racial afro-brasileira e a “*etnia africana*” (UEPG, 2015). Algo que destacamos no seguinte trecho da cartilha: “*Vejam o caso do Luis, ele poderá optar por esse direito, pois possui características físicas, do grupo étnico africano (negro)*” (UEPG, 2015).

Note que a professora afirma que Luis pode optar pelo sistema de cotas para negros no concurso de vestibular, porque este apresenta aspectos físicos “*do grupo étnico africano*” (UEPG, 2015). E o termo “*negro*” (UEPG, 2015) na fala da professora é colocado entre parênteses. Antes de tudo é pertinente ressaltar, que atualmente no Brasil não existe nenhum órgão governamental, ou entidades como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), IBGE, ou grupos de intelectuais acadêmicos que estipulem ou classifiquem o termo “**etnia africana**” (grifo meu) como sendo sinônimo **da raça negra** (grifo meu). Portanto, nesse trecho que destacamos há a uma confusão entre as terminologias raça e etnia. Assim, constatamos que nessas terminologias elencadas existem ambiguidades, que reforçam a principal noção preconceituosa de que a África seria um país e o povo africano uma população fenotipicamente e culturalmente homogênea. Pois, a personagem da HQ menciona os povos africanos de forma singular, desconsiderando completamente que a África não é um país, mas sim um dos maiores continentes do planeta que abrange diversas nações multiculturais.

Na Figura 06, também há a ilustração do menino Lúcio, que pela sua representação, aparenta não ter o tom de pele tão escura como a de Luis, mas ele parece se identificar com a identidade racial negra, no momento em que ele afirma que também poder prestar vestibular ou Processo Seletivo Seriado (PSS) na UEPG por meio do sistema de cotas para negros. Agora observe esta sentença: “*Ah! Eu também tenho esse direito!*” (UEPG, 2015). A partir daí há o desdobramento da fala de Lúcio e começa talvez a parte mais confusa e intrigante da primeira versão da cartilha, pois nessa situação foi demarcada de forma bastante confusa, toda uma discussão acerca de identidade racial negra que questiona: O que é ser negro? O que é ser afrodescendente? Nessa situação que descrevemos, a professora afirma que Lúcio não se enquadra na categoria cotas para negros, porque ele é “*afrodescendente!*” (UEPG, 2015). E que o sistema de cotas da UEPG é somente para alunos negros. Neste momento, a professora contradiz ainda mais a noção de que a identidade racial afrodescendente não está

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

relacionada ao termo raça negra, portanto, esta situação acabou sendo mal representada dentro desta primeira versão da cartilha. Em nossa concepção, este trecho da cartilha acabou se tornando extremamente confuso e inconveniente para discutir acerca da complexidade do assunto autoafirmação. Agora observe a (Figura 06):

FIGURA 06: Conversa sobre a definição do conceito de Ações Afirmativas na segunda versão da cartilha informativa sobre cotas da UEPG



Fonte: (UEPG, 2016, p. 3)

Analisando na Figura 06, os recursos linguísticos que correspondem às imagens da segunda versão da cartilha, há destaque para a eliminação das caricaturas. Transmitindo assim aos seus interlocutores, uma sensação de seriedade e delicadeza que foram manifestadas pelos detalhes dos desenhos, ao mesmo tempo, em que este assunto também é abordado de forma descontraída pela linguagem semelhante à do cotidiano das escolas públicas da região.

Por conseguinte, observando a Figura 06, é possível comparar os discursos reproduzidos sobre as ações afirmativas, tanto na primeira como na segunda versão da cartilha, na qual constatamos algumas semelhanças nas falas da aluna e da professora, personagem da primeira versão. Na segunda versão da cartilha informativa, houve a utilização do mesmo texto que o da primeira versão, no entanto, este parece ter sido mais lapidado e sintético. Porque, os autores preferiram copiá-lo do mesmo site especializado que foi citado na primeira versão da cartilha, no qual as informações estão organizadas de maneira mais didática e sintética para leigos. Portanto, é possível afirmar

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

que este aspecto demarca a importância da intertextualidade entre ambas as versões da cartilha, como fonte de conhecimento.

Esse processo também ocorre na fala do personagem Cristian, um aluno negro, que através do seu discurso se contrapõe completamente ao estereótipo de infância e juventude negra refletido na versão anterior da cartilha, pois, esse personagem apresenta resumidamente o informativo da UEPG, suas conclusões, leituras acerca do conteúdo. Também, destacamos no discurso de Cristian, a riqueza de conhecimentos que ele expõe acerca do delicado assunto da autodeclaração. Porque, a forma como ele articula sua argumentação e entendimento a respeito do assunto foram expressos de forma didática, por intermédio de citação de exemplos do cotidiano dos estudantes, relacionando-os brevemente com o significado do termo *fenótipo*, também exemplificado como sinônimo de características físicas de um grupo étnico-racial. A mesma ideia também foi expressa na primeira versão da cartilha informativa, no momento em que a personagem da professora explica para um aluno a semântica da palavra “*fenótipo*” (UEPG, 2015) é o mesmo que aparência física.

Este exemplo poderíamos considerar como ponto positivo dentro da primeira versão da cartilha, pois, no diálogo entre a professora e o aluno, houve algumas seleções lexicais que podemos assimilar como estratégia linguística e discursiva, de tentativa de adequação da linguagem, a fim de assemelhar a linguagem da cartilha à linguagem de seus interlocutores, por intermédio de gírias. Assim como destacamos no exemplo a seguir: “*Tipo assim*” (UEPG, 2015) e “*ficarem ligados*” (UEPG, 2015), como forma de alerta para que os candidatos não cometam equívocos no momento da inscrição para o vestibular.

Como último discurso sobre cotas que analisamos na segunda versão da cartilha informativa da UEPG, destacamos a sentença “*Cotas são um direito!*” (UEPG, 2016, p. 6) na qual encontramos a manifestação e confirmação, de que para a segunda versão da cartilha: “*A reserva de vagas é um direito conquistado*” (UEPG, 2016, p. 6). Prosseguindo com o raciocínio, é realizado um breve histórico sobre a trajetória das entidades e organizações sociais que conquistaram este direito, sendo também mencionado desde quando as cotas foram integradas às políticas públicas da UEPG, e que no ano de 2013 foi mantida.

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

Quanto às escolhas lexicais da segunda versão da cartilha, destacamos o subtítulo, pois nele há palavras-chave, que contribuem para compor este conjunto que define a perspectiva de abordagem das políticas de cotas na cartilha, como meio de promoção de: *“Igualdade e oportunidade para todas e todos”* (UEPG, 2016). Nesta sentença, também é perceptível, principalmente, a proposital eleição lexical dos termos *“igualdade”* e *“oportunidade”* (UEPG, 2016) que contrastam com o discurso da primeira versão da cartilha, o qual proclama que as ações afirmativas seriam um direito concedido às populações desprivilegiadas pela sociedade. A carga semântica de *“igualdade”* e *“oportunidade”* (UEPG, 2016) expressam o principal discurso de que ações afirmativas seria uma conquista de oportunidades, para que tais sujeitos atendidos por tais políticas públicas almejem alcançar igualdade no acesso à qualidade de vida que já forma parte à agenda de direitos garantidos à elite.

Também, é pertinente destacar a presença do diálogo informal na segunda versão da cartilha, como estratégia linguística e discursiva, ao analisarmos a maioria dos diálogos entre as personagens, constatamos a manifestação do fenômeno linguístico do processo de reestruturação silábica, o qual envolve a supressão de sílabas do verbo estar, como reflexo da oralidade, algo que se manifesta através da supressão ou eliminação das sílabas iniciais do verbo estar que se encontrava conjugado em algumas situações na primeira e terceira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo, assim como consta nos seguintes exemplos: *“Você tá sabendo que a UEPG tem “Ações Afirmativas?”* ” (UEPG, 2016, p. 1 grifo meu); *“eu tô atenta!”* (UEPG, 2016, p. 1 grifo meu) e *“Vocês já tão sabendo sobre as cotas para se inscrever no vestibular da UEPG?”* (UEPG, 2016 p. 2 grifo meu).

Outro aspecto que caracteriza os diálogos entre os personagens adolescentes desta segunda versão, é a utilização de expressões do dia-a-dia e gírias como estratégia linguística e discursiva. Como por exemplo: *“O papo tá bom, heim?”* (UEPG, 2016, p. 4), *“Fique ligado (a)”* (UEPG, 2016, p. 6) e *“Não pise na bola”* (UEPG, 2016, p. 7), (Figura 07).

FIGURA 07: Exemplos de trechos de utilização de gírias e expressões rotineiras na segunda versão da cartilha informativa

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).



Fonte: (UEPG, 2016, p. 4, 6-7)

Estas marcas da oralidade presentes no texto da Figura 07 são expressões e gírias que aparecem como subtítulos: “*Fique ligado!*” (UEPG, 2016, p. 6) e “*Não pise na bola:*” (UEPG, 2016, p. 7) a fim de prender a atenção de seus interlocutores. Pois, é possível identificar nas imagens da Figura 07, que ambos os subtítulos são prosseguidos de enunciados, que servem como avisos, alertas aos futuros candidatos, que concorrerão processo seletivo na UEPG. Como no subtítulo: “*Fique Ligado!*” (UEPG, 2016, p. 6), o conteúdo do texto, avisa aos candidatos que prestarão vestibular, que eles deverão ler atentamente o manual do candidato disponível no site da instituição. Este termo foi digitado em letras maiúsculas, para os candidatos saberem se poderão ou não se inscrever pelo sistema de cotas da UEPG: “*NÃO PISE NA BOLA: MARQUE DIREITO SE VOCÊ TEM DIREITO!*” (UEPG, 2016, p. 7), destacado como subtítulo.

Observamos que este trocadilho impregnado após o aviso: “*NÃO PISE NA BOLA*” (UEPG, 2016, p. 7), aparece com o objetivo de prender ainda mais a atenção do leitor de forma criativa em um jogo de palavras, ao mesmo tempo em que a carga semântica desta sentença apresenta fortemente a perspectiva subjetiva do significado semântico, de que o termo “*COTAS*” (UEPG, 2016, p. 6), como sendo sinônimo de

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

direito, quando não se cometem equívocos. Pois, o corpo do texto engloba informações sobre os devidos procedimentos para a realização da autodeclaração perante à instituição, junto com o alerta para as possíveis consequências no caso de denúncias e comprovações de falsas declarações.

Por último, também é torna pertinente destacar, a ênfase às relações de gênero presentes ao longo da cartilha, este aspecto foi refletido principalmente nos termos: “*atento (a)*” (UEPG, 2016), presentes no título, “*todos*” e “*todas*” (UEPG, 2016), subtítulo; “*negros e negras (...) eles (as)*” (UEPG, 2016, p. 2). Com base nestes exemplos que explicitamos, é possível alegar que a alusão ao gênero feminino na cartilha expressa a carga semântica de inclusão. O subtítulo corresponde à: “*Igualdade e oportunidade para todas e todos*” (UEPG, 2016). Na primeira versão da cartilha informativa, também há essas discussões sobre as relações de gênero e sexualidade, que ocorreu através da inclusão da temática da ideologia de gênero, que foi brevemente inserida através de informações sobre como o público LGBT pode exercer o direito de utilização dos nomes sociais, sempre elencando como é fundamental a leitura atenta do manual do candidato.

Considerações Finais

Com base em todas as reflexões teóricas promovidas no decorrer deste artigo acerca da relação entre discurso e racismo, respaldando-nos em Fairclough (2005 e 2008), Van Dijk (2001, 2008 e 2005) e nos resultados de estudos desenvolvidos pelos demais pesquisadores que apresentamos neste trabalho, concluímos que todos os textos, inclusive as imagens, reproduzem discursos orientados por ideologias. A partir desta conclusão, podemos alegar que durante nossas análises das duas versões da cartilha informativa sobre cotas na UEPG houve uma notória diferença entre a primeira e a segunda versão da cartilha, no aspecto representatividade de público alvo, reproduções de discursos e ideologias sobre o papel das ações afirmativas na sociedade brasileira e rompimento de estereótipos.

Conforme destacamos no decorrer de nossas análises, a primeira versão da cartilha informativa foi fortemente demarcada pela presença de personagens

QUADROS, Daiane Franciele Morais de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

caricaturados e infantilizados, que estereotipavam os alunos cotistas negros e não negros das escolas públicas. Tais características foram completamente banidas na segunda versão da cartilha, por meio de rompimento de estereótipos manifestado na delicadeza e seriedade da representação dos sujeitos inseridos no contexto escolar, pela dicotomia da linguagem informal. Ao mesmo tempo em que todos estes elementos são altamente intelectualizados, principalmente nos trechos da narrativa em que as personagens dos alunos demonstram grande domínio e elevado grau de instrução acerca do tema das políticas de cotas como modalidades das ações afirmativas.

Na comparação que realizamos entre as duas versões da cartilha informativa, também não podemos deixar de enfatizar, o grande contraste de discursos presentes em ambas as versões, principalmente nas discussões acerca do tópico da autodeclaração e identidade racial negra. Foi notável que estes aspectos foram corrigidos na segunda versão da cartilha informativa, principalmente, na questão de propagação das ideologias e discursos que englobam as ações afirmativas. Pois na primeira versão, as ações afirmativas são representadas por meio de uma audaciosa esfera comunicativa e discursiva, a qual considera as políticas de cotas como um benefício. Enquanto que na segunda versão, esse discurso é completamente dissuadido, através da argumentação e persuasão de que as cotas são um direito conquistado pela luta dos movimentos sociais.

Portanto, com base no viés teórico em que nos respaldamos durante esta pesquisa, podemos concluir que os textos analisados, estrategicamente, compõem narrativas visuais que também reproduzem discursos orientados por ideologias propagadas por intermédio das informações presentes nos conteúdos expressos em ambas as versões da cartilha informativa. Tais discursos que foram articulados por meio de uma série de recursos e estratégias visuais, linguísticas e discursivas, as quais compõem uma série de fatores, que atuam diretamente na formação de opiniões e subjetividades acerca das políticas de cotas na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Referências

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

CUNHA, S. R.V. da. Cultura visual e infância. In: 31 Reunião da ANPED, 31., 2008. **Sessões Especiais 31º Reunião da ANPED**. Caxambu, MG: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação- ANPED, 2008. p. 102-132.

FAIRCLOUGH, N. Teoria social do discurso. In: _____. **Discurso e mudança social**. Tradução, revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. 2º reimpressão. Brasília: Universidade de Brasília, 2001, 2008. cap. 3. p. 89-131.

_____. Análise Crítica do Discurso como Método em Pesquisa Social Científica *Critical Discourse Analysis as a Method in Social Scientific Research*. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. Tradução de Iran Ferreira de Melo. Londres: Sage, 2005. p. 307-329.

MAGALHÃES, I. Introdução: A Análise de Discurso Crítica *Introduction: Critical Discourse Analysis*. **Revista D.E.L.T.A.:** Documentação de Estudos em Linguística Teórica Aplicada. São Paulo. v. 21, p. 3- 8, fev./ago. 2005.

MANGUEL, A. O Espectador comum: A imagem como narrativa. In: _____. **Lendo Imagens**. Uma história de amor e ódio. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 19- 33.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. In: _____. **Produção Textual**, Análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008. cap.2. p. 145-226.

MUNIZ, K. da S. **Linguagem e identificação:** uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil. 2009, 202f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2009.

OTTONI, M. A. R. As representações identitárias de gênero no humor sexista. In: _____. (Org.); LIMA, M. C. de (Org.). **Discursos**, identidades e letramentos: abordagens da Análise de Discurso Crítica. São Paulo: Cortez, 2014. p. 25- 62.

_____. **Os gêneros do humor no ensino de Língua Portuguesa:** uma abordagem discursiva crítica. 2007, 399f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

PAGANO, A.; MAGALHÃES, C. Análise Crítica do Discurso e Teorias Culturais: Hibridismo Necessário *Critical Discourse Analysis and Cultural Theory: Towards a Much Needed Hybridity*. **Revista D.E.L.T.A.:** Documentação de Estudos em Linguística Teórica Aplicada. São Paulo. v. 21, p. 21-42, fev./ago. 2005.

PEREIRA, I. M. **Debate público e opinião da imprensa sobre a política de cotas raciais na universidade pública brasileira**. 2011, 238f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

QUADROS, Daiane Franciele Moraes de; JOVINO, Ione da Silva. A cartilha informativa sobre as políticas de cotas na UEPG publicada em 2016: um olhar por meio da análise crítica do discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.76-98, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. Ciência Social Crítica e Análise de Discurso Crítica. In: _____. ; _____. **Análise de discurso crítica**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-54.

SALES, M. M. **Á flor da pele**: uma análise crítica de discursos empresariais sobre diversidade racial no trabalho. 2012, 258f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**. v.36, n.128, p.451-472, mai./ago. 2006.

SILVA, P. V. B da; ROSEMBERG, F. Brasil: Lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK. T. A. (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 73-118.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Pró- Reitoria de Graduação. **Cartilha Cotas**: orientações sobre a reserva de vagas destinada a candidatos ao Concurso Vestibular da UEPG, estudantes de Instituições Públicas e que se autodeclarem negros. 2. ed., Ponta Grossa, PR, 2015.

_____. Núcleo de Relações Étnico Raciais, Gênero e Sexualidade e Pró- Reitoria de Graduação. **Ações Afirmativas na UEPG**, fique atento (a)! Igualdade e oportunidade para todas e todos. 1. ed., Ponta Grossa, PR, 2016.

VAN DIJK. T. A. Análise Crítica do Discurso. In: _____.; HOFFNAGEL, J. (Org.); FALCONE, K. (Org.). **Discurso e Poder**. Tradução de Leonardo Mozdzenski. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 113-132.

_____. Discurso y racismo. In: GOLDBER, D.; SOLOMONS, J. (Eds.) **The Blackwell Companion to Racial and Ethnic Studies**. Traducción de Christian Berger. Oxford: Blackwell, 2001. p. 191- 205.

_____. Introdução. In: _____. (Org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11- 24.

Recebido em julho de 2017.

Aceito em setembro de 2017.